

OMAIOR multimilionário NEGATIVO do mundo

{ FILIPE PAIVA CARDOSO }
filipe.cardoso@ionline.pt

Oapetite e a postura mudaram ao ritmo da sua fortuna. Quando entrou na lista dos mais ricos da Forbes anunciou logo que ia “desbancar Bill Gates em cinco anos”. O pai da Microsoft era então o mais rico do mundo. Em 2012, já no top 10 dos mais ricos, repetiu a ideia, adaptando o alvo e o estilo: “Até 2015, manda o [Carlos] Slim limpar o retrovisor do carro, porque vou alcançá-lo.” Mas Eike Batista de tanto olhar para o céu não viu o chão a fugir-lhe debaixo dos pés. O ano de 2015, que na sua visão ia coroá-lo como o mais rico do planeta, está a ser aquele em que cai vítima da hybris, elemento definidor da tragédia grega: quando a arrogância e o orgulho levam a melhor e precipitam a queda. “Ficou tão grande que se achou invencível”, sintetizou Rodrigo Constantino, economista. “Quando espera chegar ao topo dos mais ricos do mundo?” “Em 2015, 2016...” “Tão rápido?” “Você acha rápido?!” O excerto é de uma entrevista feita em 2012 ao então 7.º mais rico do mundo, com uma fortuna avaliada em 25 mil milhões de euros. Eike Batista nasceu em 1956 em Governador Valadares, Minas Gerais, filho de um ex-ministro de Minas e Energia e ex-presidente da Vale, maior empresa de minas do Brasil. Nos anos 70 mudou-se com a família para a Europa, formando-se em Engenharia em Aachen. Voltou ao Brasil em 1981 com a “febre do ouro” a levá-lo à Amazônia: com 500 mil dólares cria uma empresa de compra e venda de ouro cujos lucros passam rapidamente a fasquia dos milhões. Em 1983 associa-se à TVX Gold, que passa a liderar em 1985. Avança com a internacionalização da empresa para Chile, Peru, Equador, ou Nicarágua, além de EUA, Canadá, Congo, Grécia ou Austrália. Na viragem para o século xxi, Eike Batista vende a posição na TVX por 700 milhões de dólares, multiplicando a partir de então as suas áreas de actuação: termoeléctrica, minas de ouro, e cria uma empresa de minério de ferro, a MMX. Esta é dispersa em bolsa em 2005, com um encaixe de 500 milhões de dólares para o empresário, que avança de seguida para a produção de energia e a exploração de óleo e gás, criando novas empresas para estes sectores, igualmente colocadas em bolsa, permitindo um encaixe superior

a 2 mil milhões de dólares a Eike. Em Janeiro de 2008 vende a MMX à Anglo American por mais de 5 mil milhões de dólares, negócio que lhe permitiu dizer que era “o homem mais rico do Brasil”. Mas isso não lhe chegava: “O Gates e o Slim que me segurem. Com o Brasil como plataforma, vai ser brincadeira ser o mais rico do mundo.” Seguem-se mais dispersões em bolsa de distintas empresas e a ascensão pelo ranking da “Forbes”: em 2009 é 61.º, em 2010 já é 8.º, com os mercados a avaliarem as suas empresas em 31 mil milhões de euros, o valor mais alto de sempre. Mas assim que chegou ao pico o império começou a tremer. Em 2012 vários investidores vieram a público criticar o adiamento repetido de promessas de entrega de resultados financeiros e de produção, com o grupo a começar a desvalorizar de forma constante, arrastando atrás a fortuna de Eike, que no início de 2013 “apenas” lhe garantia a 100.ª posição mundial. Com o crescimento do seu império assente em financiamentos cruzados entre empresas do grupo e em constantes injecções de capital, o que era uma crise de resultados torna-se uma crise de liquidez que acelera a queda de todas as empresas em bolsa. No primeiro trimestre de 2013 estas acumulam um prejuízo de 400 milhões de euros e Eike Batista decide pôr à venda o seu jacto Legacy 600 e um campo de petróleo na Malásia, mas de nada serve: até Maio, a sua OGX desvaloriza 63% e as restantes empresas do grupo apresentam evoluções similares. Aqui começam a multiplicar-se as análises em profundidade ao império: os analistas repetem a ideia de um império de base pouco sólida, criado por um empresário sem experiência nos ramos em que investiu e que aliciou investidores com promessas impossíveis de cumprir. Com a desvalorização das suas empresas, o empresário ficou dependente do financiamento bancário e da boa vontade do governo e do banco público do

Desde 2008 que prometia para breve a chegada ao topo dos mais ricos do mundo, com cada vez menos modéstia. Em 2012 avisava Carlos Slim que era melhor “limpar o retrovisor” para o ver ultrapassá-lo. Só não sabia se o faria “pela direita ou pela esquerda”. Seguiu-se a tragédia, à grega

“O Bill Gates e o Carlos Slim que me segurem. Com o Brasil como plataforma de negócios, vai ser brincadeira ser o homem mais rico do mundo”

Eike Batista, 2008

Brasil (BNDES), de que terá recebido até 3,5 mil milhões de euros de ajuda. A eclosão de protestos sociais no Brasil tornou proibitiva a dependência de Eike de dinheiro dos contribuintes e as agências de rating castigaram-no. A partir daqui, o multimilionário tornou-se um empresário-pária: começou a vender as suas operações, a negociar reestruturações de dívidas e em Julho de 2013 renunciou à presidência do grupo que criou depois de estudar o seu desmembramento, levando a uma acusação de insider trading, já que terá vendido as suas acções antes de anunciar o desmembramento. No Verão de 2013, a Bloomberg calculou que o empresário acumulava dívidas superiores a 2 mil milhões de dólares para um património de apenas 200 milhões de dólares e apresentou-o como o ex-multimilionário que perdeu 99% da sua fortuna. Seguiu-se o desmantelamento do seu iate, vendido como sucata, e a instauração de vários processos judiciais, de credores, investidores, insider trading e violação de regras concorrenciais, que este ano começaram a avançar.

Eike Batista entrou assim em 2015 como “o primeiro multimilionário negativo, devendo quase 3,5 mil milhões de reais [1,2 mil milhões de euros]”, segundo a “Globo”.

Há um mês, a justiça avançou para a apreensão de todos os seus bens para serem leiloados este mês,

incluindo a sua generosa coleção de carros. Entre estes, destaque não só para o Cayenne que esteve no centro da polémica esta semana, já que o juiz do caso foi apanhado ao volante do mesmo, mas sobretudo para o Lamborghini Aventador, não pelo carro em si mas por onde estava estacionado. Eike Batista não o tinha na garagem mas na sala de estar, como elemento decorativo para deliciar as visitas. “Eike foi tão bom vendedor de seus projectos e sonhos que ele mesmo acreditou na fantasia... A sensação é que ele juntou o egocentrismo e a megalomania evidentes e surgiu. Ficou tão grande que se achou invencível.” ■